

TEMPO ESCOLAR, TEMPO DE EXCLUSÃO: A CULTURA JUVENIL E O SISTEMA EDUCACIONAL NA PERCEPÇÃO DOS JOVENS E ADOLESCENTES DA E.E. NELSON DE SENA – GOVERNADOR VALADARES (MG)

CORREA, Lycinia Maria - UNIVALE/UNESP

SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes – UNIVALE

BICALHO, Maria Gabriela Parenti - UNIVALE/UFMG

ALVARENGA, Maira – UNIVALE

RIBEIRO, Grasielle Menezes - BIC-UNIVALE

GT: Educação de Pessoas Jovens e Adultas /n.18

Agência Financiadora: Universidade Vale do Rio Doce

Introdução

A pesquisa intenta uma análise da relação entre cultura juvenil e cultura escolar, considerando a emergência de uma reflexão sobre os sistemas educativos e a escola como espaços de conflitos e de diálogo com os atores coletivos juvenis. Falar na condição juvenil e nos significados da experiência escolar para os jovens é trazer um tema que se sustenta tanto em relevância quanto em atualidade. A relevância é quantificável no analfabetismo, na escolarização precária indicadas em estudos recentes elaborado pelo GRUPO TÉCNICO PARA ELABORAÇÃO DE PROPOSTAS DE POLÍTICAS PARA ADOLESCENTES DE BAIXA ESCOLARIDADE E BAIXA RENDA (2002) e que salientam uma aguda exclusão sócio-cultural, ao considerar o perfil de escolarização dos adolescentes e jovens brasileiros.

A atualidade do tema, qualificada por REGUILLO (2003) e que também mobiliza nosso interesse nesta pesquisa é a necessidade de explicitar em que medida o sistema educacional e a Pedagogia em suas práticas e processos educativos escolares têm incorporado as demandas e necessidades educativas apresentadas pelos jovens.

Nosso argumento é de que, embora não se trate de um tema recente, o debate teórico e as políticas públicas voltadas para o que temos genericamente denominado juventude, não alcançou efetividade na agenda de investigação de pesquisadores em educação, tampouco na agenda política que pressupõe a resolução dos problemas que afetam esta circunscrita população.

Estudos e (por vezes conseqüentes) políticas voltados para os jovens e sua cultura se limitam a uma caracterização da identidade juvenil que oferece poucas condições de reconhecer o papel ativo dos jovens. Estes discursos e práticas voltados para os jovens se baseiam em classificações explícitas da juventude como uma fase de transição, uma etapa da vida ou um processo de metamorfose que tais sujeitos experimentam. (SPOSITO, 2003)

Seja por uma interpretação própria das ações juvenis, seja por uma leitura interpretativa das ambigüidades expressas na relação dos jovens com a estrutura social, as pesquisas sobre a cultura juvenil são meramente descritivas, pois quando não enfatizam tais sujeitos sob a ótica do problema e, portanto, do controle; analisa-os sob uma dualidade conceitual: os jovens incorporados ao sistema por seu pertencimento à cultura dominante e os alternativos ou dissidentes. (REGUILLO, 2003)

SPOSITO (2003) e ABAD (2002) salientam isto ao mostrar que a evolução das políticas públicas na década de noventa, voltadas para a juventude no Brasil teve dois determinantes: o problema da exclusão dos jovens da sociedade e os desafios de fazê-los transitar e integrar o mundo adulto. Uma outra vertente de análise da condição juvenil quando não está radicada no modelo simbólico da juventude da década de sessenta, volta-se para os problemas decorrentes da exclusão social: a violência e o desemprego que afeta de forma mais intensa os jovens.

A emergência de um novo tipo de discurso - compreensivo e de caráter interpretativo-hermenêutico¹ - indicam uma tendência atual que busca situar os jovens no campo do direito, ou seja, como atores emergentes e posicionados socioculturalmente; permitem-nos aproximar do debate sobre a cultura juvenil focalizando as inter-relações destes sujeitos com seus distintos âmbitos de pertencimento (a família, a escola, o grupo de pares); focalizam a linguagem como construtora de realidades e possibilitam ao investigador a crítica constante dos seus pressupostos e procedimentos.

Resultados de pesquisas² atuais e relatos de trabalhos realizados por organizações governamentais e não-governamentais que atuam na área da juventude

¹ Este novo tipo de discurso constitui as formulações teóricas apresentadas nos trabalhos desenvolvidos por Pierre Bourdieu (1986, 1990), Giddens (1986, 1995) e Habermas (1989) e se diferencia por problematizar não apenas os sujeitos, como as ferramentas (procedimentos e instrumentos de análise) que se utiliza para conhecê-lo.

² Dentre os estudiosos da temática juventude, destacamos no Brasil: HELENA ABRAMO (1994, 1997), FORRACHI (1972) SPOSITO (1994, 1997, 2000, 2003), DAYRELL (1996, 1999) CARRANO (2003), GALTHIER E GALTHIER (2001) e na América Latina CANCLINI (1993, 1995), REGUILLO (1991, 1997, 2003), SALAZAR (1997), BARBERO E MUNÓZ (1992), ROUX (1994).

confirmam o caráter interpretativo-hermenêutico nas análises da cultura juvenil e salientam que os currículos e práticas pedagógicas predominantes na educação básica estão distantes do universo sócio-cultural juvenil.

Se de um lado encontramos nos trabalhos destes estudiosos as perspectivas de compreensão do sistema educacional, da cultura juvenil e da cultura escolar; de outro lado, ELIAS (1992), HARVEY (1992) e PETITAT (1994) nos apresentam os fundamentos teóricos e conceituais que analisam os problemas decorrentes da cisão natureza-sociedade, os condicionamentos históricos desta determinada temporalidade e o momento em que se prescreve uma nova ordem escolar pautada na regulação do tempo, na restrição e na subdivisão do espaço.

Ao explicitar a importância que a consolidação de uma cultura-mundo tem na dinâmica social, pela repercussão desta nos modos de vida, nos padrões culturais e na aprendizagem, recuperamos em BOURDIEU (1992) os conceitos de campo e de habitus para afirmar a impossível oposição entre instituição e sujeito, entre estruturas e práticas, entre o momento objetivo e o momento subjetivo da cultura, entre individualidade e coletividade. Para BOURDIEU (1992), as estruturas que se ocultam e se exprimem na realidade concreta podem ser extraídas senão por uma conquista e por um trabalho de análise metódica, de abstração e de rastreamento de suas origens.

Objeto e problema de pesquisa

O objeto de investigação é a experiência do tempo para os jovens e adolescentes em sua efetiva relação com a escola. Nosso interesse aqui é verificar *como os jovens articulam sua experiência social ao tempo escolar, no sentido de captar os significados e sentidos que estes lhe atribuem.*

Na análise dos aspectos que circundam a temporalidade, a cultura juvenil e a cultura escolar tentamos apreender como os jovens lidam com o tempo escolar e com seu próprio tempo de aprendizagem; como e em que momento do processo de escolarização do jovem o tempo escolar confronta o tempo social e que idéia de tempo está impressa na cultura juvenil.

Ponderar sobre a necessidade de um exame minucioso da relação entre cultura juvenil e cultura escolar, ancorada na idéia de tempo é parte do nosso empenho em encontrar nos significados atribuídos por tais sujeitos aos processos de escolarização componentes que, em geral, são descolados das análises sobre a escola.

Ao justificar seu insucesso escolar os sujeitos jovens e adultos tendem a atribuir a si mesmos a responsabilidade, caracterizando-a como falta de esforço ou dificuldades pessoais. Essas justificativas protegem o contexto sócio-cultural de uma crítica sistemática e, conseqüentemente, isentam a escola de uma análise pormenorizada.

A negação ou simplesmente o desconhecimento de que em seu cotidiano, os jovens vivem a experiência de um tempo circular é, para REGUILLO (2003), uma das debilidades nos estudos sobre cultura juvenil. Os jovens recompõem continuamente suas práticas e representações e nossas matrizes discursivas e analíticas que monopolizam a compreensão, ignoram as respostas que emergem do cotidiano, de onde “os adolescentes tecem seus projetos existenciais e transformam seu lugar na realidade social” (MAGRO, 2002, p. 67).

Quando insistimos no diálogo entre a cultura juvenil e o mundo adulto escolar, estendemos esta análise do cotidiano a três ângulos ainda não completamente evidenciados pela literatura atual: a possibilidade dos jovens constituírem uma identidade coletiva moderada por uma significativa experiência escolar; a consolidação de uma cultura global –local que orienta o segmento juvenil e sua repercussão no processo de aprendizagem e o necessário dimensionamento da capacidade formativa, socializadora e dialógica da escola na relação com os atores coletivos juvenis.

Objetivos

- Verificar o modo como se efetiva construção dos significados e sentidos que os jovens atribuem ao tempo escolar, a partir da experiência de organização social dos jovens da E.E.Nelson de Sena – Governador Valadares (MG).
- Analisar o conceito cultura juvenil a partir da articulação entre a experiência social e o tempo escolar que os atores coletivos juvenis realizam no ambiente escolar.
- Compreender os sentidos e significantes compartilhados pelos jovens no que se refere à experiência do tempo dedicado à escola, qual seja, identificando os processos e espaços de aprendizagem instituídos pelos jovens;
- Examinar - por meio da observação do cotidiano dos jovens da E.E.Nelson de Sena - a complexidade da vida social e a maneira como estes sujeitos fazem do cotidiano escolar, lócus de sociabilidade e de formação;
- Identificar o modo como se opera a relação com o conhecimento dos jovens em interação com a escola.

Metodologia

A pesquisa, de caráter etnográfico e social, tem como sujeitos os jovens entre 14 e 20 anos da Escola Estadual Nelson de Sena, Governador Valadares –MG. São alunos e ex-alunos que, por suas experiências de sucesso e fracasso escolares, participam de um projeto que engloba oficinas temáticas. A escolha da escola deveu-se a dois fatores: primeiro, o fato de ser uma escola de “corredor” e atender a jovens de diferentes bairros da cidade e segundo, pela parceria já existente com os cursos de licenciatura da Univale. Os jovens manifestaram interesse em participar de nossa pesquisa por meio de um grupo focal, constituído por aproximadamente 20 pessoas. Além dos encontros específicos do grupo focal, realizamos uma entrevista intensiva com os adolescentes e jovens, bem como o registro da observação de sua participação nas oficinas e nas atividades da escola.

A pesquisa empírica e o referencial teórico possibilitam a análise do modo como os jovens inseridos e excluídos dos processos de escolarização formal expressam a relação entre experiência social e tempo escolar. Para a análise serão levantadas algumas categorias, indicadas nos relatos dos encontros com os jovens e confirmadas nas entrevistas. Espera-se que a pesquisa contribua no dimensionamento das práticas escolares da escola e das políticas de educação governamentais para atendimento à população juvenil.

Referência bibliográfica

ABAD, M. Crítica política das políticas de juventude. In: FREITAS e PAPA (org.) *Políticas públicas: juventude em pauta*. São Paulo: Cortez: Ação Educativa: Fundação Friedrich Ebert, 2003.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro-R.J.: Jorge Zahar., 1998.

GRUPO TÉCNICO PARA ELABORAÇÃO DE PROPOSTAS DE POLÍTICAS PARA ADOLESCENTES DE BAIXA ESCOLARIDADE E BAIXA RENDA. *Adolescência: escolaridade, profissionalização e renda*. Brasília, 2002. (mimeo)

HARVEY, D. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1992.

MAGRO, V.M. M. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop. **Cadernos Cedex** 57, São Paulo: Cortez, agosto 2002 (Educação, adolescência e culturas juvenis)

PETITAT, A. *Produção da escola/ produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

REGUILLO, R. *Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión.* Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: Anped, n.23, maio-agosto 2003, p.103-118

SPOSITO, M. P. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas.* São Paulo: Ação Educativa, 2003.